

# As missivas como fonte documental: o trabalho com o acervo epistolar do pintor Candido Portinari

Enviado em:

07/04/2013

Aprovado em:

11/08/2013

**Ana Carolina Machado Arêdes**

Mestranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto

anacarolaredes@yahoo.com.br

---

## Resumo

Este artigo utiliza as correspondências pessoais do pintor Candido Portinari como fonte histórica. O recorte cronológico proposto para pesquisa deste acervo compreende os anos de 1920 até 1945. A análise desta documentação permite entender como Portinari estava inserido no ambiente artístico, intelectual e político deste período. Entre os correspondentes do pintor, figuram importantes nomes da arte e intelectualidade da época, assim como personagens ligados à burocracia estado-novista. O estudo destas missivas demonstra como Portinari tecia, mantinha e aprofundava seus laços de amizade através do intercâmbio epistolar. Além disso, as correspondências revelam como o pintor lidava com situações cotidianas, assim como oferecem pistas sobre sua concepção artística e política.

194

## Palavras-Chave

Portinari, Correspondências, Estado Novo

## Abstract

This article uses the personal correspondences of painter Candido Portinari as a historical source. The proposed chronological survey of clipping collection covers the years from 1920 until 1945. The analysis of this documentation enables you to understand how Portinari was inserted into the artistic, intellectual and political environment of this period. Among the correspondents of the painter are important names of art e intelligentsia of the time, as well as characters linked to the estado-novista bureaucracy. The study of these missives demonstrates how Portinari established, maintained and deepened his friendship through the epistolary exchange. In addition, the correspondences reveal how the painter dealt with everyday situations, as well as offer clues about his artistic and political conception.

## Keywords

Portinari, Correspondences, Estado Novo

O objetivo deste artigo é tratar do trabalho com as correspondências pessoais do pintor Candido Portinari. Através da análise das epístolas trocadas entre o pintor e seus interlocutores - entre os quais figuravam conhecidos nomes da arte, da intelectualidade e da política, é possível perceber como Portinari estava inserido no ambiente cultural e burocrático da época. O recorte cronológico adotado compreende os anos de 1920 a 1945. Em 1920, Portinari começa a se destacar como estudante de pintura na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. O recorte vai até 1945, data que marca a falácia do Estado Novo.

As correspondências aqui analisadas compõem o acervo do Projeto Portinari, situado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Além das cartas, o Projeto organizou a catalogação das obras do pintor e conta também com depoimentos, apontamentos, fotografias e vídeos relacionados a Portinari. Boa parte deste material está disponível *on-line*.

Vale ressaltar que, neste artigo, as missivas do pintor foram utilizadas tanto como fonte, quanto como objeto da pesquisa histórica. O uso das cartas como fonte documental é relativamente recente na historiografia, especialmente no que tange à produção historiográfica brasileira.

No século XX, a historiografia sofreu uma grande transformação com a *nouvelle histoire* francesa. Antes, interessava à produção historiográfica o estudo dos grandes homens e acontecimentos do passado. A partir de então, o homem comum e os acontecimentos cotidianos passaram também a ser foco das suas investigações. Além disso, a modernidade deu lugar ao individual em detrimento do coletivo. O indivíduo moderno é caracterizado por uma vida singular dentro de um todo social. A história do indivíduo passou a ser analisada, não precisando ter acontecimentos extraordinários para ser digna de ser lembrada. (GOMES, 2004:11-12).

Sendo assim, o tipo de fonte a ser pesquisada também mudou: documentos e registros do sujeito comum e de sua vida particular começaram a chamar a atenção dos historiadores. Desse modo, a “escrita de si”, que abarca diários íntimos, biografias, autobiografias, correspondências etc., ganhou importância. (GOMES, 2004:7).

Para a historiadora Ângela de Castro Gomes, no Brasil e no mundo, a “escrita de si” obteve destaque tanto no mercado editorial quanto no acadêmico. Os estudos sobre este tipo de documentação estão crescendo, mas ainda não são numerosos, e as iniciativas estão partindo mais do campo da educação e da

literatura do que da história. (GOMES, 2004:8).

A “escrita de si” constrói a identidade e materializa a vida do indivíduo que a realizou, contribuindo também para a compreensão da dinâmica dos grupos que ele frequentava. Ou seja, o estudo do espaço privado, individual, ajuda no entendimento do espaço público, coletivo. (GOMES, 2004:8-11).

O indivíduo moderno vive suas experiências e fases da vida de forma descontínua e muitas vezes incoerente. Ele não mantém uma identidade fixa e imutável, ao contrário, está continuamente em transformação. Através dos registros deixados por este sujeito é que o historiador pode compreender seus desvios temperamentais ao longo do tempo. (GOMES, 2004:12-13).

A noção de verdade histórica também se transforma em função da utilização deste tipo de fonte documental. Como a “escrita de si” é subjetiva, o que passa a interessar ao historiador não é a verdade sobre um acontecimento, mas a percepção que o indivíduo teve sobre tal acontecimento e como ele o interpretou em seus registros. (GOMES, 2004:12-15).

Segundo Gomes, quando realiza a “escrita de si”, o sujeito parece querer reter o tempo, deixar marcado algum fato que ele considerou excepcional e digno de ser preservado ou contado aos amigos. (GOMES, 2004:18). Para o filósofo francês Michel Foucault, a alma parece se constituir naquilo que se escreve, a escrita é formada pelos pensamentos que ficaram gravados. (FOUCAULT, 1992:144). De acordo com Alfredo Bosi, a escrita íntima guarda o calor dos acontecimentos, dela transborda certo sentimentalismo. (BOSI *apud*. IONTA, 2007:49).

Ângela de Castro Gomes sustenta que a escrita epistolar é a que, dentre as outras formas da “escrita de si”, mais interessa aos historiadores, tanto como fonte, quanto como objeto de estudo. (GOMES, 2004:9).

Para a historiadora Marilda Ionta, com a expansão das cidades, foram ampliados os espaços de convivência social, o que contribuiu para expandir os círculos de amizades. Dessa maneira, surgiu a necessidade de encontrar novos espaços para o cultivo destas amizades e foi aí que a troca epistolar exerceu papel fundamental. (IONTA, 2007:45). As cartas se tornaram o “altar onde é celebrada a amizade” (IONTA, 2007:85), elas não só estabelecem pontes de comunicação entre os amigos, como lançam uma sedução ao longe, o que leva o destinatário a ingressar no círculo íntimo do remetente. (SLOTERDIJK *apud*. IONTA, 2007:75).

Para o literato Mário de Andrade, foi com o modernismo que se realizou uma significativa mudança em relação às missivas. Elas transformaram sua retórica, as formas de tratamento e de despedida se tornaram mais íntimas, menos

formais, o familiar preponderou sobre a distância respeitosa.

Antes, com algumas raras exceções, os escritores brasileiros só faziam “estilo epistolar”, oh, primores de estilo! Mas cartas com assuntos, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem sem se mandar respeito à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuetos sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em literatura. (ANDRADE *apud*. IONTA, 2007:77-78).

As correspondências ganhariam um tom mais pessoal, mais confidencial com o modernismo, assim como as amizades teriam seus laços estreitados. A troca epistolar alcançou seu auge no século XIX, destacando-se como a principal forma de aproximação dos amigos. Atualmente, com o telefone, o fax, o celular, o e-mail e a Internet, entre outros elementos que facilitam a rápida e imediata comunicação, escrever cartas se tornou uma “arte em extinção”, como bem aponta Marilda Ionta. (IONTA, 2007:70).

Segundo Foucault, escrever cartas aos amigos é “dar-se a ver”, a carta torna o seu escritor presente para o seu leitor, de uma forma quase física, uma presença que se faz de forma imediata. As missivas constituem uma forma de apresentar-se ao seu correspondente no decorrer da vida cotidiana. (FOUCAULT, 1992:149-155).

A forma quase física que o sujeito toma, fica clara em uma passagem da carta do jornalista Augusto Meyer enviada a Portinari. Na epístola, Meyer descreve o poeta e amigo Manuel Bandeira: “Parece que estou ouvindo a risadinha dele, vendo aqueles olhos admiráveis que ele tem quando escuta a gente, com um brilho da atenção nos óculos. Aí está um homem que é o mesmo de perto ou de longe”.<sup>1</sup>

Escrever cartas atenua a solidão, pois desempenha o papel de um companheiro. (FOUCAULT, 1994:130). Pode até ser considerado um “ato terapêutico”. As cartas são enviadas como pedidos de conselho ou como palavras de auxílio ao destinatário. Escrever para um determinado sujeito exige tempo, disciplina, reflexão, intimidade e confiança. Os principais assuntos são: informações, pedidos, agradecimentos, desabafos, lembranças, comemorações, palavras de consolo e estímulo. (GOMES, 2004:19-20). Constam também assuntos

---

1 Meyer, Augusto. [Carta] 1937 set.20, Porto Alegre, RS [para] Candido Portinari, Rio de Janeiro, RJ. 3f., p.3.

de saúde, como expresso na carta do pintor Waldemar da Costa a Portinari: “A Maria agora já está boa, mas esteve muito mal do fígado (...)”<sup>2</sup> – e de reclamações de ausência de cartas, como na missiva enviada ao pintor pela amiga Rosalita Mendes: “Você deixou de escrever de repente... sem mais nem menos (...)”<sup>3</sup>.

Para Gomes, o fator tempo também merece ser destacado nas correspondências. Existe uma distância entre o momento que se escreve e o momento que se lê a carta. As cartas podem se referir ao passado – relembrando um acontecimento –, ao presente – “estou escrevendo esta carta” – e ao futuro – projetos que ainda estão por vir. O curioso na troca de missivas é que a decisão de guardá-las cabe ao destinatário e não ao seu autor. Quanto maior a intimidade e a confiança dos correspondentes, mais confissões e desabafo as cartas irão ter. Faz parte do “pacto epistolar” receber, ler, responder e guardar as cartas. (GOMES, 2004:19-20).

Uma carta rasgada ou não respondida pode soar como uma ofensa ao remetente, uma vez que a epístola é a materialização do sujeito que a escreveu. (GAY *apud* IONTA, 2007:69). Marilda Ionta salienta que deve se levar em conta a “dimensão agonística” das cartas. Os seus autores só escrevem aquilo que desejam que o destinatário saiba. Os missivistas têm que decidir entre o mostrar-se e o esconder-se, e isto os leva a lançar mão de máscaras, como uma forma de proteção pessoal. (IONTA, 2007:83-84).

Um dos maiores problemas que os historiadores encontram no trabalho com as missivas é a invasão de privacidade, que, porventura, cometem. As epístolas simples, ou “correspondências pessoais privadas” são trocadas em tom confidencial entre as partes, e quem as redige não necessariamente pensava em torná-las públicas. Mário de Andrade assim escreveu: “Guardar as cartas consigo./ Nunca mostrar a ninguém./ Não as publicar também/ De indiferente ou de amigo/ Guardar ou rasgar. Ao sol/ Carta é farol.” (ANDRADE *apud* IONTA, 2007:60).

Apesar de existirem casos em que os correspondentes sabiam que suas cartas não ficariam restritas à esfera privada, na maior parte das vezes, os missivistas não tinham a intenção de tornar suas confissões públicas, analisadas por um pesquisador e muito menos impressas em livros. Em carta a Portinari,

---

2 Costa, Waldemar da. [Carta] 1933 set. 4, Petrópolis, RJ [para] Candido Portinari, Rio de Janeiro, RJ. 2f., p.1.

3 Almeida, Rosalita Mendes de. [Carta] 1930 jul. 12, Rio de Janeiro, RJ [para] Candido Portinari, Paris. 4f., pp.1-2.

o intelectual José Jobim expressa a opção pela privacidade: “Esse Oswald, aqui muito entre nós, que ninguém nos ouça, inclusive o Bopp, é um bobalhão.”<sup>4</sup>

Existem cartas com objetivos diferenciados dos simples missivistas, como por exemplo, a carta-testamento de Getúlio Vargas, escrita à nação antes do controverso suicídio, e a de Pero Vaz de Caminha, enviada ao rei de Portugal, atualmente expostas para a visitação como artigos de museu. (IONTA, 2007:75-76).

Todavia, existe a necessidade de reconsiderar a dimensão privada da correspondência, especialmente no século XIX. As cartas geralmente passavam pela censura postal, em especial em épocas de guerra, e a censura familiar, como dos pais em rela o às cartas das filhas. (PERROT *apud*. IONTA, 2007:72).

Mário de Andrade queixa-se a Paulo Duarte em uma de suas missivas:

Estas cartas de agora, em que a gente não pode mais se abrir inteiramente nem nas vistas para o mundo nem nas confissões interiores, com vergonha de ser lido pelos outros, faz com que as cartas estejam se tornando cada vez mais insatisfatórias. Sobretudo para um sujeito como eu que gosta de se derramar. (ANDRADE *apud* IONTA, 2007).

Sendo assim, percebemos como as epístolas podem contribuir na constru o do processo histórico. Elas são capazes de refletir aspectos do cotidiano dos correspondentes e ajudam o pesquisador a formar uma ideia do ambiente dos missivistas e dos grupos aos quais eles pertenciam, assim como revelam muito sobre a personalidade do sujeito que escreve, não raro se derramando em sentimentalismos e confissões.

Este artigo, como foi supracitado, trata das correspondências do pintor Candido Portinari. O objetivo é analisar as cartas enquanto fonte e objeto da pesquisa histórica. Foi feito um balanço acerca do número de correspondências recebidas, expedidas e relacionadas ao pintor, assim como foram investigados quem eram seus interlocutores.

Candido Portinari nasceu em Brodósqui, cidadezinha do interior paulista, filho de um casal de imigrantes italianos que veio para o Brasil engrossar a mão de obra da lavoura cafeeira. Quando adolescente, mudou-se para o Rio de Janeiro, com o intuito de estudar pintura. Acabou matriculado como aluno livre das aulas de

---

4 Jobim se refere aos intelectuais Oswald de Andrade e Raul Bopp. Jobim, José. [Carta] 1938 ago. 31, Yokohama, JAP [para] Candido Portinari; Maria Portinari, Rio de Janeiro, RJ. 1f.

desenho figurado da Escola Nacional de Belas Artes, instituição à época conhecida pelo tradicionalismo e rigor acadêmico. Nesta escola, o pintor ganhou destaque e, em 1928, recebeu um prêmio de viagem à Europa em um dos salões, no qual apresentou um retrato do poeta Olegário Mariano. Portinari escolheu a França como destino, mas também visitou a Itália e a Inglaterra. Retornou da viagem em 1931, com um estilo diferente em sua pintura.

Para a historiadora Annateresa Fabris, foi no continente europeu que Portinari passou a questionar o ensino recebido, a repensar a arte em sua expressão específica, a partir em busca de suas raízes. Sendo assim, contrariou o hábito dos bolsistas brasileiros, empenhados em produzir telas acadêmicas, não fazendo de sua estadia na Europa uma prolongação da Escola Nacional de Belas Artes. Portinari não produziu muitas telas no afã de visitar os museus e poder ver de perto a arte do presente e do passado, livre de rótulos e receitas. Esta atitude do pintor, esta sua nova maneira de encarar a arte, marcaria toda sua produção posterior (FABRIS, 1990:43).

Durante a viagem, Portinari começou a se afastar dos ditames acadêmicos da Escola Nacional de Belas Artes. Do continente além do Atlântico, o pintor passou a se inspirar nos motivos de Brodóski para compor as produções que estavam por vir. Em carta a Rosalita Mendes, Portinari desabafa:

Daqui fiquei vendo melhor a minha terra (...) fiquei vendo Brodóski como ela é. Aqui não tenho vontade de fazer nada. Vou pintar o Palaninho, vou pintar aquela gente com aquela roupa e com aquela cor. Quando comecei a pintar senti que devia fazer a minha gente e cheguei a fazer o 'Baile na Roça'. Depois desviaram-me e comecei a tatear e a pintar tudo de cor - fiz um monte de retratos, mas eu nunca tinha vontade de trabalhar e toda gente me chamava preguiçoso – eu não tinha vontade de pintar porque me botaram dentro de uma sala cheia de tapetes com gente vestida à última moda.<sup>5</sup>

Quando retornou da Europa, Portinari participou do Salão organizado pelo arquiteto Lúcio Costa na Escola Nacional de Belas Artes com a tela *O Violinista*, 1931. Nesta ocasião conheceu o literato Mário de Andrade, com o qual iniciou uma amizade que levou por toda a vida. Mário foi um dos missivistas mais assíduos do pintor, tratando de assuntos variados, pessoais e profissionais, em suas correspondências. Com a amizade de Mário de Andrade, Portinari passa a integrar

---

5 Portinari, Candido. [Carta] 1930 jul.12, Paris [para] Rosalita Mendes de Almeida, Rio de Janeiro, RJ. 10f., p.3. Grifos de Portinari.

o ambiente dos intelectuais e artistas modernistas, personagens que também podem ser vistos em suas epístolas, tais como: os pintores Carlos de Lima Cavalcanti, Waldemar da Costa, Josias Leão e Santa Rosa, o artista plástico Paulo Rossi Osir, os intelectuais Murilo Mendes, Menotti Del Picchia, Raul Bopp e Oswald de Andrade, os poetas Manuel Bandeira, Olegário Mariano e Carlos Drummond de Andrade, os arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, o cineasta Humberto Mauro, o empresário José Olympio, os militantes comunistas Astrojildo Pereira e Luís Carlos Prestes e, os políticos Juscelino Kubitscheck e Getúlio Vargas.

Outro importante e ativo missivista de Portinari foi o intelectual mineiro Gustavo Capanema, que foi ministro da Educação e Saúde entre 1934 e 1945. O Ministério Capanema ficou conhecido como o Ministério dos Intelectuais, por reunir diversos nomes da inteligência brasileira, das mais variadas correntes de pensamento. As epístolas trocadas entre Capanema e Portinari revelam que estes cultivavam uma relação de amizade, tratando de assuntos pessoais e profissionais. Capanema encomendou vários trabalhos do pintor, sendo a série de afrescos cujo tema são os ciclos econômicos brasileiros, composta para a sede do Ministério da Educação e Saúde, o mais conhecido.

As cartas estudadas neste trabalho compreendem o recorte de 1920-1945. Trata-se de 1645 correspondências, dentre as quais 428 não são enviadas nem recebidas por Portinari, mas têm relação com o pintor. Sobram então 1217 epístolas, dentre elas 1054 recebidas e 163 expedidas pelo pintor.

No gráfico abaixo é possível notar como a troca epistolar do pintor aumenta substancialmente no Estado Novo (1937-1945). Após voltar da Europa, em 1931, Portinari expandiu seu círculo de amizades epistolares, o pintor passou a participar ativamente do grupo de artistas e intelectuais da época. No Estado Novo, o envolvimento de Portinari no ambiente cultural e político é muito expressivo, e isto pode ser notado através do grande fluxo de missivas, assim como pelo teor destas cartas, que abordavam além de assuntos pessoais, temas políticos e, sobretudo, profissionais.



## Troca epistolar de Portinari por período



Gráfico de demonstração do volume de cartas recebidas, expedidas e relacionadas ao pintor Portinari.

202

Candido Portinari escreveu ao longo deste período para 48 missivistas, dentre os quais, 1 recebia assiduamente, 2 regularmente e 14 eventualmente. O restante eram missivistas simples, para os quais o pintor havia enviado 1 carta.

**TABELA 1**

<b>Classificação dos correspondentes (destinatários) de Portinari por volume de cartas enviadas</b>		
<b>Classificação</b>	<b>Número absoluto</b>	<b>%</b>
Simple (1 carta)	31	64,58
Eventuais (2-10 cartas)	14	29,17
Regulares (11-50 cartas)	2	4,17
Assíduos (+51 cartas)	1	2,08
<b>Total</b>	<b>48</b>	<b>100</b>

Modelo de Tabela retirado do livro: *Capanema: o ministro e seu ministério*. GOMES, Ângela de Castro (org.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

Em relação às epístolas recebidas por Portinari, contam-se 458 cartas. Destas, 148 correspondentes escreviam eventualmente, 15 regularmente e 2

assiduamente. Os missivistas simples, que enviaram apenas 1 carta ao pintor, constituíam a grande maioria, com 293.

<b>TABELA 2</b>		
<b>Classificação dos correspondentes (remetentes) de Portinari por volume de cartas enviadas</b>		
<b>Classificação</b>	<b>Número absoluto</b>	<b>%</b>
Simple (1 carta)	293	63,97
Eventuais (2-10 cartas)	148	32,32
Regulares (11-50 cartas)	15	3,28
Assíduos (+51 cartas)	2	0,44
<b>Total</b>	<b>458</b>	<b>100</b>

Modelo de Tabela retirado do livro: *Capanema: o ministro e seu ministério*. GOMES, Ângela de Castro (org.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

Avaliaram-se também os correspondentes de Portinari por inserção profissional-social e laços de parentesco. Com isto, foi possível precisar melhor as pessoas que gravitavam no círculo de amizade do pintor. Dentre os missivistas destinatários de Portinari estimaram-se 4 artistas plásticos, 10 intelectuais, 3 políticos, 4 políticos e intelectuais, 2 funcionários públicos e intelectuais, 1 diplomata, 1 diplomata e intelectual, 1 arquiteto, 2 empresários, 1 jornalista e editor, 3 instituições ou galerias de arte, 2 familiares e 14 não-classificados. Entre os não-classificados estão profissões que não foram enquadradas em nenhuma categoria, assim como pessoas que não foi possível identificar qual a ocupação.

203

<b>Tabela 3</b>		
<b>Classificação dos correspondentes (destinatários) de Portinari por inserção profissional-social e laços de parentesco</b>		
<b>Classificação</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>%</b>
Artista Plástico	4	8,33
Intelectual	10	20,84
Político	3	6,25
Político/Intelectual	4	8,33

Funcionário Público		
Funcionário Público/ Intelectual	2	4,17
Diplomata	1	2,08
Diplomata/Intelectual	1	2,08
Arquiteto	1	2,08
Empresário	2	4,17
Jornalista/Editor	1	2,08
Médico		
Curador/Museólogo		
Instituições/Galerias de Arte	3	6,25
Família Portinari	2	4,17
Não Classificado	14	29,17
<b>Total</b>	<b>48</b>	<b>100</b>

Modelo de Tabela retirado do livro: *Capanema: o ministro e seu ministério*. GOMES, Ângela de Castro (org.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

204

Entre os interlocutores remetentes de Portinari, contaram-se 52 artistas plásticos, 44 intelectuais, 4 políticos, 8 políticos e intelectuais, 10 funcionários públicos, 4 funcionários públicos e intelectuais, 9 diplomatas, 7 diplomatas e intelectuais, 10 arquitetos, 13 empresários, 39 jornalistas e editores, 6 médicos, 5 curadores e museólogos, 59 instituições e galerias de arte, 6 familiares e 182 não classificados.

**TABELA 4**

<b>Classificação dos correspondentes (remetentes) de Portinari por inserção profissional-social e laços de parentesco</b>		
<b>Classificação</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>%</b>
Artista Plástico	52	11,35
Intelectual	44	9,61
Político	4	0,87
Político/Intelectual	8	1,75
Funcionário Público	10	2,18

Funcionário Público/ Intelectual	4	0,87
Diplomata	9	1,97
Diplomata/Intelectual	7	1,53
Arquiteto	10	2,18
Empresário	13	2,84
Jornalista/Editor	39	8,52
Médico	6	1,31
Curador/Museólogo	5	1,09
Instituições/Galerias de Arte	59	12,88
Família Portinari	6	1,31
Não Classificado	182	39,74
<b>Total</b>	<b>458</b>	<b>100</b>

Modelo de Tabela retirado do livro: *Capanema: o ministro e seu ministério*. GOMES, Ângela de Castro (org.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

Portinari utilizava a maior parte de suas correspondências para tratar de negócios, especialmente da venda de quadros. Muitos de seus missivistas enviavam cheques como pagamento pelas obras, encomendadas ou adquiridas, juntamente com as cartas. As obras de Portinari eram muito requisitadas no Brasil e no exterior. Preponderam os retratos entre as encomendas feitas ao pintor. Retratos de amigos ou de familiares de amigos. Mário de Andrade comentou em carta sobre seu retrato executado pelo amigo pintor: “Mas o diabo é que a gente vai ficando viciado com os quadros de você e acaba não gostando de quadro nenhum. Dos seus quadros trouxe pro Rio o meu retrato porque mamãe, que gosta dele, pediu pra ficar com ela, pra ela poder olhar o filho”.<sup>6</sup>

Portinari não costumava fazer confissões íntimas nas cartas, só para seus amigos bem próximos, como Mário de Andrade. Mesmo assim, não demonstrava muito suas emoções. Seus assuntos pessoais incluíam doenças, jantares, viagens, reuniões e principalmente Brodósqui e a família: “Caro Mário, chegamos ontem aqui em Brodósqui. Estivemos reunidos em São Paulo porque o João Candido não

6 Andrade, Mário. [Carta] 1939 abr.1, Rio de Janeiro, RJ [para] Candido Portinari, Brodósqui, SP. 2f., pp.1-2.

passou bem e tivemos que esperar que melhorasse”.<sup>7</sup>

Com os intelectuais e artistas, tratava de assuntos da época, falando sobre a organização dos salões de exposição artística, sobre os grupos modernos, sobre conceitos e estética de pintura, entre outros. Para Mário de Andrade, Portinari descrevia e mandava fotos dos seus quadros, constantemente pedindo conselhos do literato: “Fiquei todo esse tempo sem escrever porque comecei uma colheita de café com 50 figuras – 2 metros e tal. Em tamanho é o maior que já fiz. (...). Vou ser convidado para expor em uma Exposição no E.Unidos – Carnegie Institute”.<sup>8</sup>

Mário de Andrade, por sua vez, auxiliava o pintor na venda das obras, fazendo propaganda dele para seu círculo de amigos e encomendando diversos serviços para o Departamento de Cultura que presidia na Prefeitura de São Paulo:

Preciso sua colaboração pro Congresso da Língua Nacional Cantada!!!  
Em que um pintor pode cantar no Congresso? (...) Ora os programas  
devem ter capa, uma capa única, que quero firmada pelo maior pintor  
e maior desenhista do Brasil: você.<sup>9</sup>

Em relação aos trabalhos realizados para a burocracia estatal, destacam-se os encomendados pelo amigo e ministro Gustavo Capanema, em especial, os afrescos do Ministério da Educação e Saúde. Em carta ao intelectual e político Ribeiro Couto, Portinari até então afirma ser o maior trabalho de sua vida: “Comecei há um ano e meio o maior trabalho de minha vida. Não sei se você sabe que estou pintando o novo Ministério da Educação”.<sup>10</sup>

A pintura dos murais em afresco era pioneira no Brasil e por isso o artista se entregou a uma série de pesquisas de material e de técnicas de desenho. Em um verão em Brodósqui, Portinari escreveu ao poeta e auxiliar de gabinete do ministro Capanema, Carlos Drummond de Andrade: “Estou fazendo afresco de verdade. Já sujei as paredes da casa. Desde que cheguei não perdi um dia”.<sup>11</sup>

7 Portinari, Candido. [Carta] 1939 mar. 24, Brodósqui, SP [para] Mário de Andrade, São Paulo, SP. 2f., p.1.

8 Portinari, Candido. [Carta] 1935 abr. 10, Rio de Janeiro, RJ [para] Mário de Andrade, São Paulo, SP. 3f., p.1.

9 Andrade, Mário. [Carta] 1937 abr. 30, São Paulo, SP [para] Candido Portinari, Rio de Janeiro, RJ. 2f., p.1.

10 Portinari, Candido. [Carta] 1938 mai.13, Rio de Janeiro, RJ [para] Ribeiro Couto, [s.l.] 2f.p.1.

11 Portinari, Candido. [Carta] 1937 fev. 9, Brodósqui, SP [para] Carlos Drummond de Andrade, Rio de Janeiro, RJ. 1f.

O trabalho no Ministério estreitou a amizade entre Portinari e Capanema. O tom das missivas trocadas entre os dois era bastante íntimo, apesar de se tratarem quase sempre de assuntos profissionais. Em 1939, Portinari escreveu a Capanema sugerindo a criação da cadeira de Pintura Mural na Escola Nacional de Belas Artes, pedindo que esta disciplina fosse ministrada por ele próprio:

Por tudo isso – e também pela convicção em que estou de estar realizando obra patriótica – é que tomei a iniciativa de propor, à sua inteligência, a criação, na Escola Nacional de Belas Artes, de um atelier onde sejam ministrados conhecimentos de pintura mural. (...) Daí a proposta – que tomo a liberdade de reiterar ao ilustre Ministro – para o aproveitamento, naquela instituição, do meu curso de pintura mural. (...) As razões que venho de expor e a simpatia que o ilustre Ministro sempre me dispensou, levam-me a crer no aproveitamento, segundo a fórmula proposta, dos meus conhecimentos técnicos. Do amigo e admirador Portinari.<sup>12</sup>

Capanema respondeu ao pintor: “Meu caro Portinari, levei ontem a noite ao Presidente o decreto-lei de criação da cadeira de pintura mural e a proposta de sua nomeação para este lugar. Esperamos um pouco mais, e este caso estará resolvido”.<sup>13</sup>

Dos assuntos tratados nas missivas expedidas pelo pintor, 16 eram pessoais; 107 pessoais e profissionais; 10 pessoais, políticos e profissionais; 4 pedidos de caráter profissional; 19 profissionais e 7 que não se enquadram em nenhuma das categorias, sendo classificados como ‘outros’.

207

<b>Tabela 5</b>		
<b>Classificação dos assuntos da correspondência expedida por Portinari</b>		
<b>Classificação</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>%</b>
Pessoais	16	9,83
Pessoais/Pedidos		

12 Portinari, Candido. [Carta] 1939 mai. 27, Rio de Janeiro, RJ [para] Gustavo Capanema, Rio de Janeiro, RJ. 2f., pp.1-2.

13 Capanema, Gustavo; Ministério da Educação e Saúde. [Carta] 1939 set. 27, Rio de Janeiro, RJ [para] Candido Portinari, Rio de Janeiro, RJ. 2f., p.1.

Pessoais/Políticos		
Pessoais/Profissionais	107	65,64
Pessoais/Políticos/Profissionais	10	6,13
Pedidos/Profissionais	4	2,45
Políticos		
Profissionais	19	11,66
Outros	7	4,29
<b>Total</b>	<b>163</b>	<b>100</b>

Modelo de Tabela retirado do livro: *Capanema: o ministro e seu ministério*. GOMES, Ângela de Castro (org.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

Quanto aos assuntos da correspondência recebida por Portinari, foram contabilizados 104 pessoais; 20 pedidos pessoais; 8 pessoais e políticos; 494 pessoais e profissionais; 34 pessoais, políticos e profissionais; 28 pedidos profissionais; 318 profissionais e 48 que tratam de outros assuntos não especificados.

208

<b>Tabela 6</b>		
<b>Classificação dos assuntos da correspondência recebida por Portinari</b>		
<b>Classificação</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>%</b>
Pessoais	104	9,87
Pessoais/Pedidos	20	1,90
Pessoais/Políticos	8	0,76
Pessoais/Profissionais	494	46,87
Pessoais/Políticos/Profissionais	34	3,22
Pedidos/Profissionais	28	2,66
Políticos		
Profissionais	318	30,17
Outros	48	4,55
<b>Total</b>	<b>1054</b>	<b>100</b>

Modelo de Tabela retirado do livro: *Capanema: o ministro e seu ministério*. GOMES, Ângela de Castro (org.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

Após esta sumária contextualização, pode-se perceber como a análise das

missivas nos revela como Portinari interagira no ambiente aqui estudado. As cartas nos revelam como o pintor era bem relacionado, assim como um pouco de sua personalidade, seus anseios e preocupações, e, em especial, como lidava com questões do seu cotidiano.

### **Referências bibliográficas:**

ARÊDES, Ana Carolina. *A valorização do elemento nacional na pintura de Portinari e a relação do pintor e de sua obra com o Movimento Modernista Brasileiro e com o Estado Vargasista*, Monografia sob a orientação do Prof. Dr. Fábio Faria Mendes. Bacharelado em História, Universidade Federal de Viçosa, 2007.

FABRIS, Annateresa. *Portinari, pintor social*. São Paulo: Perspectiva: Editora da USP, 1990.

FOUCAULT, Michel. *L'écriture de soi*. Corps Écrit, nº 5, pp.3-23, fév. 1983. (A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992, pp.129-160).

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

209

\_\_\_\_\_. *Capanema: o ministro e seu ministério*. GOMES, Ângela de Castro (org.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

IONTA, Marilda. *As cores da amizade: cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

PROJETO PORTINARI. <http://www.portinari.org.br/>